



CAPRICÓRNIO

# POEMAS

POR

AGOSTINHO NETO

28/29

LUCIO LARA

## CADERNOS CAPRICÓRNIO

**destinam-se a revelar e a divulgar  
temas e autores do mundo tropical  
de expressão portuguesa.**

# CADERNOS CAPRICÓRNIO

DIRECÇÃO DE ORLANDO DE ALBUQUERQUE

## **PUBLICADO :**

- 1 — UM GRANDE NEGÓCIO — Orlando de Albuquerque  
— 3.ª edição
- 2 — TEMPO DE CHUVA — Alda Lara — esgotado
- 3 — IRMÃ HUMANIDADE — Jorge de Macedo — esgotado
- 4 — FILIPE CABEÇA DE PEIXE — Manuel Ferreira — esgotado
- 5 — A BOLA E A PANELA DE COMIDA — Benúdia — esgotado
- 6 — TEMPO DE CICIO — Jofre Rocha
- 7 — A ÚLTIMA NARRATIVA DE VAVÓ KIALA  
— Aristides Van-Dunen — esgotado
- 8 — PERSEGUIÇÃO — Maria Emília Roby — esgotado
- 9 — DESTÊRRO DE MIM — Lygia Salema — esgotado
- 10 — O NASCIMENTO DE GÊMEOS ENTRE OS «AMBÓS»  
— Maria Helena de Figueiredo Lima
- 11 — RECADO PARA DEOLINDA — Afonso Milando
- 12 — CRÓNICA DO GHETTO — David Mestre
- 13 — UM CERTO GOSTO A TAMARINDO — Amaro Monteiro
- 14 — O FILHO DE ZAMBI — Orlando de Albuquerque
- 15 — TEMPO DE ANGÚSTIA — Alberto de Oliveira
- 16 — A-CHAN, A TANCAREIRA — Henrique de Senna Fernandes
- 17 — O JANGADEIRO — Albano Mendes de Matos
- 18 — OS POEMAS DO ITINERÁRIO ANGOLANO — Ruy Cinatti
- 19 — «MESTRE» TAMODA — Agostinho Mendes de Carvalho
- 20 — RESIGNAÇÃO — Aristides Van-Dunen
- 21/22 — O CANTO DO MARTRINDINDE — Ernesto Lara Filho
- 23 — MEMÓRIAS E EPITÁFIOS — Mário António
- 24 — DUAS ESTÓRIAS — Luandino Vieira
- 25 — POEMAS — Viriato da Cruz
- 26 — O CURUMIM AMAZÓNICO — Maria Natividade Cortez Gomes
- 27 — ASPECTOS SOCIAIS E ECONÓMICOS DA VIDA QUIOCA —  
— José Redinha
- 28/29 — POEMAS — Agostinho Neto

**CAPRICÓRNIO**

C. P. 364                      LOBITO  
ANGOLA

CADERNOS CAPRICÓRNIO

POEMAS

AGOSTINHO NETO

LOBITO, 1975

## POESIA AFRICANA

António AGOSTINHO NETO nasceu a 27 de Setembro de 1922 no Icolo e Bengo (Angola). É médico formado pela Faculdade de Medicina de Lisboa, conquanto tenha cursado alguns anos em Coimbra.

Participou no primeiro movimento literário angolano, o «Movimento dos Novos Intelectuais de Angola», que em 1950 surgiu em Luanda através da revista «Mensagem», órgão da Associação dos Naturais de Angola.

Exerceu medicina em Luanda, tendo sido coercivamente transferido para São Tomé e Cabo Verde e posteriormente para Portugal, donde se evadiu para se ir juntar aos nacionalistas angolanos, de cujo principal Movimento — o MPLA—fazia já parte e de que se tornara Presidente.

A sua poesia encontra-se dispersa por revistas e jornais europeus e africanos, tendo sido incluído em diversas antologias.

Editou recentemente em Portugal um livro de poemas intitulado «Sagrada Esperança».

## POESIA AFRICANA

Lá no horizonte  
o fogo  
e as silhuetas escuras dos imbondeiros  
de braços erguidos.  
No ar o cheiro verde das palmeiras queimadas.

Poesia africana. .

Na estrada  
a fila de carregadores bailundos  
gemendo sob o peso da crueira.  
No quarto  
a mulatinha de olhos meigos  
retocando o rosto com rouge e pó de arroz.  
A mulher debaixo dos panos fartos remexe as ancas.  
Na cama  
o homem insone pensando  
em comprar garfos e facas para comer à mesa.

No céu o reflexo  
do fogo  
e as silhuetas dos negros batucando  
de braços erguidos.  
No ar a melodia quente das mörimbas.

Poesia africana.

E na estrada os carregadores  
no quarto a mulatinha  
na cama o homem insone.

Os braseiros consumindo  
consumindo  
a terra quente dos horizontes em fogo.

## FOGO E RITMO

Sons de grillhetas nas estradas  
cantos de pássaros  
sob a verdura húmida das florestas  
frescura na sinfonia adocicada dos coqueirais  
fogo  
fogo no capim  
fogo sobre o quente das chapas do Cayatte.

Caminhos largos  
cheios de gente cheios de gente  
cheios de gente  
em êxodo de toda a parte  
caminhos largos para os horizontes fechados  
mas caminhos  
caminhos abertos por cima  
da impossibilidade dos braços.

Fogueiras

dança

tamtam

ritmo

Ritmo na luz  
ritmo na cor  
ritmo no som  
ritmo no movimento  
ritmo nas gretas sangrentas dos pés descalços  
ritmo nas unhas descarnadas  
Mas ritmo  
ritmo.

Ó vozes dolorosas de Africa!

## MUSSUNDA AMIGO

*Para aqui estou eu  
Mussanda amigo  
Para aqui estou eu.*

*Contigo.  
Com a firme vitória da tua alegria  
e da tua consciência.*

*— o ió Kalunga ua mu bangele-le-lelé!  
o ió Kalunga ua mu bangele-le-lelé...*

*Lembras-te?*

*Da tristeza daqueles tempos  
em que íamos  
comprar mangas  
e lastimar o destino  
das mulheres da Funda,  
dos nossos cantos de lamento,  
dos nossos desesperos  
e das nuvens dos nossos olhos  
Lembras-te?*

*Para aqui estou eu  
Mussunda amigo*

*A vida, a ti a devo  
à mesma dedicação, ao mesmo amor  
com que me salvaste do abraço  
da jibóia*

*á tua força  
que transforma os destinos dos homens.*



A ti  
amigo Mussunda, a ti devo a vida.

E escrevo  
versos que tu não entendes!  
Compreendes a minha angústia?

Para aqui estou eu  
Mussunda amigo  
escrevendo versos que tu não entendes.

Não era isto  
o que nós queríamos, bem sei  
mas no espírito e na inteligência  
nós somos .

Nós somos  
Mussunda amigo  
Nós somos!

Inseparáveis  
caminhando ainda para o nosso sonho.

Os corações batem ritmos  
de noites fogueirentas  
os pés dançam sobre palcos  
de místicas tropicais  
os sons não se apagam dos ouvidos

— o ió Kalungá ua mu hangele...

Nós somos!

## K I N A X I X I

*Gostava de estar sentado  
num banco do Kinaxixi  
às seis horas duma tarde muito quente  
e ficar...*

*Alguém viria  
talvez  
sentar-se do meu lado.*

*E veria as faces negras da gente  
a subir a calçada  
vagarosamente  
exprimindo ausência no quimbundo mestiço  
das conversas.*

*Veria os passos fatigados  
dos servos dos pais também servos  
buscando aqui amor ali glória  
além de uma embriaguês em cada alcool.*

*Nem felicidade nem ódio.*

*Depois do sol posto  
esconderiam as luzes e eu  
iria sem rumo  
a pensar que a nossa vida é simples afinal  
demasiado simples  
para quem está cansado e precisa de marchar*

## MEIA NOITE NA QUITANDA

— Cem reis de jindungo  
Sá Domingas

O sol  
entrega Sá Domingas à lua  
nas quitandas dos musseques

E a quitandeira esperando

— Cinquenta reis de tomate  
três tostões de castanha de cajú  
um doce de côco  
Sá Domingas

Ela vende na quitanda à meia noite  
que o filho  
está na estrada  
precisa de cem mil reis  
para pagar o imposto

o sol deixa Sá Domingas  
na quitanda  
e ela deixa o luar

Um tostão  
dois tostões  
três tostões  
que o coração de Sá Domingas  
sofre mais do que o corpo na quitanda.

## CAMINHO DO MATO

*Caminho do mato  
caminho da gente  
gente cansada*

*Óóó — oh!*

*Caminho do mato  
caminho do soba  
soba grande*

*Óóó — oh!*

*Caminho do mato  
caminho de Lemba  
Lemba formosa*

*Óóó — oh!*

*Caminho do mato  
caminho do amor  
amor do soba*

*Óóó — oh!*

*Caminho do mato  
caminho do amor  
do amor de Lemba*

*Óóó — oh!*

*Caminho do mato  
caminho das flores  
flores do amor .*

## COMBOIO AFRICANO

*Um comboio  
subindo de difícil vale africano  
chia que chia*

*Grita e grita*

*quem esforço não perdeu  
mas ainda não ganhou.*

*Muitas vidas  
ensoparam a terra  
onde assentaram os rails  
e se esmagam sob o peso da máquina  
e no barulho da terceira classe.*

*Grita e grita*

*Quem esforçou não perdeu  
mas ainda não ganhou.*

*Lento, caricato e cruel  
o comboio africano...*

## NOITE

*Eu vivo  
nos bairros escuros do mundo  
sem luz, nem vida.*

*Vou pelas ruas  
às apalpadelas  
encostado aos meus informes sonhos  
tropeçando na escravidão  
ao meu desejo de ser.*

*— Bairros escuros  
mundos de miséria  
onde as vontades se diluíram  
com as coisas.*

*Ando aos trambulhões  
pelas ruas sem luz  
desconhecidas  
pejadas de mística e terror  
de braço dado com fantasmas.*

*Também a noite é escura.*

## CONFIANÇA

*O oceano separou-se de mim  
enquanto me fui esquecendo nos séculos  
e eis me presente  
reunindo em mim o espaço  
condensando o tempo.*

*Na minha história  
existe o paradoxo do homem disperso  
enquanto o sorriso brilhava  
no canto de dor  
e as mãos construíam mundos maravilhosos.*

*John foi linchado  
o irmão chicoteado nas costas nuas  
a mulher amordaçada  
e o filho continuou ignorante.*

*E do drama intenso  
duma vida imensa e útil  
resultou certeza:*

*As minhas mãos colocaram pedras  
nos alicerces do mundo  
mereço o meu pedaço de pão!*

## AS TERRAS SENTIDAS

*As terras sentidas de África  
nos ais chorosos do antigo e do novo escravo  
no suor aviltante do batuque impuro  
de outros mares  
sentidas*

*As terras sentidas de África  
na sensação infame do perfume estonteante da flor  
esmagada na floresta  
pela imoralidade do ferro e do fogo  
as terras sentidas*

*As terras sentidas de África  
no sonho logo desfeito em tinidos de chaves carcereiras  
e no riso sufocado e na voz vitoriosa dos lamentos  
e no brilho inconsciente das sensações escondidas  
das terras sentidas de África*

*Vivas  
em si conosco vivas*

*Elas fervilham-nos em sonhos  
ornados de danças de imbondeiros sobre equilíbrios  
de antílope  
na aliança perpétua de tudo quanto vive*

*Elas gritam o som da vida  
gritam-no  
mesmo nos cadáveres devolvidos pelo Atlântico  
em oferta pútrida de incoerência e morte  
e na limpidez dos rios*



*Elas vivem  
as terras sentidas de Africa  
no som harmonioso das consciências  
incluídas no sangue honesto dos homens  
no forte desejo dos homens  
na sinceridade dos homens  
na razão pura e simples da existência das estrelas*

*Elas vivem  
as terras sentidas de Africa  
porque nós vivemos  
e somos as partículas imperecíveis  
e inatacáveis  
das terras sentidas de Africa*

## O CHÔRO DE ÁFRICA

*O choro durante séculos  
nos seus olhos traidores pela servidão dos homens  
no desejo alimentado entre ambições de lufadas românticas  
nos batuques choro de África  
nas fogueiras choro de África  
nos sorrisos choro de África  
nos sarcasmos no trabalho choro de África*

*Sempre o choro mesmo na vossa alegria imortal  
meu irmão Nguxi e amigo Mussunda  
no círculo das violências  
mesmo na magia poderosa da terra  
e da vida jorrante das fontes e de toda a parte e de todas as almas  
e das hemorragias dos ritmos das feridas de África  
e mesmo na morte do sangue ao contacto com o chão  
mesmo no florir aromatizado da floresta  
mesmo na folha  
no fruto  
na agilidade da zebra  
na secura do deserto  
na harmonia das correntes ou no socego dos lagos  
mesmo na beleza do trabalho construtivo dos homens*

*O choro dos séculos  
inventado na servidão  
em histerias de dramas negros almas brancas preguiças  
e espíritos infantis de África  
as mentiras choros verdadeiros nas suas bocas*

## O CHORO DE AFRICA

*O choro de séculos*

*onde a verdade violentada se estiola no círculo de ferro*

*da desonesta força*

*sacrificadora dos corpos cadaverizados*

*inimiga da vida*

*fechada em estreitos cérebros de máquinas de contar*

*na violência*

*na violência*

*na violência*

*O choro de África é um sintoma*

*Nós temos em nossas mãos outras vidas e alegrias*

*desmentidas nos lamentos de suas bocas — por nós!*

*E amor*

*e os olhos secos*

## C R I A R

*Criar criar*

*criar no espírito criar no músculo criar no nervo*

*criar no homem criar na massa*

*criar*

*criar com os olhos secos*

*Criar criar*

*sobre a profanação da floresta*

*sobre a fortaleza impúdica do chicote*

*criar sobre o perfume dos troncos serrados*

*criar*

*criar com os olhos secos*

*Criar criar*

*gargalhadas sobre o escárneo da palmatória*

*coragem na ponta da bota do roceiro*

*força no estrangalhado das portas violentadas*

*firmeza no vermelho sangue da insegurança*

*criar*

*criar com os olhos secos*

*Criar criar*

*estrelas sobre o camartelo guerreiro*

*paz sobre o choro das crianças*

*paz sobre o suor sobre a lágrima do contrato*

*paz sobre o ódio*

*criar*

*criar paz com os olhos secos*

*Criar criar*

*criar liberdade nas estradas escravas*

*algemas de amor nos caminhos paganizados do amor*

*sons festivos sobre o balanceio dos corpos em formas simuladas*

*criar*

*criar amor com os olhos secos.*

## ASPIRAÇÃO

*Ainda o meu canto dolente  
e a minha tristeza  
no Congo, na Geórgia, no Amazonas.*

*Ainda  
o meu sonho de batuque em noites de luar*

*Ainda os meus braços  
ainda os meus olhos  
ainda os meus gritos.*

*Ainda o dorso vergastado  
o coração abandonado  
a alma entregue à fé  
ainda a dúvida.*

*E sobre os meus cantos  
os meus sonhos  
os meus olhos  
os meus gritos  
sobre o meu mundo isolado  
o tempo parado.*

*Ainda o meu espírito  
ainda o quissange  
a marimbá  
a viola  
o saxofone  
ainda os meus ritmos de ritual orgiaco.*

*Ainda a minha vida  
oferecida à Vida  
ainda o meu desejo.*

Ainda o meu sonho  
o meu grito  
o meu braço  
a sustentar o meu Querer.

E nós sanzalas  
nas casas  
nos subúrbios das cidades  
para lá das linhas  
nos recantos escuros das casas ricas  
onde os negros murmuram: ainda

O meu Desejo  
transformado em força  
inspirando as consciências desesperadas.

## C E R T E Z A

*Não me peças sorrisos  
que ainda transpiro  
os ais  
dos feridos nas batalhas.*

*Não me exijas glórias  
que sou eu o soldado desconhecido  
da Humanidade.*

*As honras  
cabem aos generais.*

*A minha glória  
é tudo o que padeço e que sofri  
os meus sorrisos  
tudo o que chorei.*

*Nem sorrisos, nem glória.*

*Apenas um rosto duro  
de quem constroi a estrada  
por que há-de caminhar  
pedra após pedra  
em terreno difícil.*

*Um rosto triste  
por tanto esforço perdido  
— o esforço dos tenazes  
que à tarde se cansam.*

Uma cabeça sem louros  
porque não me encontrei  
no catálogo  
das glórias humanas.  
Não me descobri na vida  
e selvas desbravadas  
escondem os caminhos  
por que hei-de passar.

Mas hei-de encontrá-los  
e segui-los  
seja qual for o preço.

Então  
num novo catálogo  
mostrar-te-ei  
o meu rosto  
cercado de ramos de palmeira

e terei para ti  
os sorrisos que me pedes.



## SIM EM QUALQUER POEMA

*Apetece me escrever um poema.*

*Um poema fechado dentro de si  
para ser compreendido  
apenas  
pelos passarinhos que chilreiam lá fora  
sobre as três árvores  
da minha única paisagem;  
para ser entendido  
pela canção da seiva  
circulante no verde das ervas  
do caminho áspero da encosta;  
e pelo brilho do Sol  
e pelo carácter íntegro dos homens.*

*Um poema que não sejam letras  
mas sangue vivo  
em artérias pulsáteis dum universo matemático  
e sejam astros cintilantes  
para calmas noites  
de invernos chuvosos e frios  
e seja lume para acolher gazelas  
que pastam inseguras  
nos acolhedores campos da imensa vida;  
amizade para corações odientos  
motor impelindo o impossível  
para a realidade das horas;  
cântico harmonioso para formosura dos homens.*

*Um poema  
(ah! quem comparou a África a uma interrogação  
cujo ponto é Madagascar?)  
Um poema solução  
resolvendo a curva interrogativa da imagem*

*em linha recta da afirmação;  
e a beleza das florestas virgens,  
a precisão da engrenagem da existência,  
o som fantástico do trovejar sobre pedras,  
os cataclismos fluviais  
pendentes sobre as frágeis canoas do rio Zaire,  
o claro arrebol dos olhos dos homens.*

*Um poema traçado sobre aço  
escrito com as flores da terra  
e com os braços esguios da podridão;  
esculpido no amor  
que exala a esperança daquele meu amigo  
a esta hora com a tanga ensopada  
no suor do seu dorso;  
com as canções adocicadas do quissange ao luar;  
e as gargalhadas infantis para a minha amada;  
com o calor simpático  
do corpo sangrento dos homens.*

*Um poema fechado  
— longo e imperceptível  
em que amor e ódio entrelaçados  
sejam a síntese da discordância  
para ser cantado em todas as línguas  
guiado pelo som da marimba e do piano;  
ritmo de batuque enxertado sobre as valsas  
da outra mocidade;  
harmonia de xinguilamentos  
sobre o bárbaro matraquear da máquina de escrever,  
grito aflitivo no vácuo  
debatendo-se para encontrar vibração de matéria.  
e a aspiração dos homens.*

*Mas não escreverei o poema.*

*Em que subterrâneos circularia  
o ar irrespirável da violência?  
Nas cavernas dos teus pulmões  
ó casten das vielas sórdidas  
do conformismo?  
Ou na avidéz dos quilómetros intestinos  
dos chacais?  
Ou nas cavidades porstituídas do coração  
infame do esclavagismo?  
Ou nas goelas  
da desonestidade inconsciente?*

*Não escreverei o poema.*

*Escreverei cartas à minha amada  
preencherei os espaços claros dos impressos  
com letra impecável  
e nos intervalos  
cantarei canções afro-brasileiras.  
Sonharei.  
Sonharei com os olhos do amor  
incarnados nas tuas maravilhosas mãos  
de suavidade e ternura.*

*Sonharei com aqueles dias de que falavas  
quando te referiste à Primavera.  
Sonharei contigo.  
E com o prazer de beber gotas de orvalho  
na relva  
deitado ao teu lado  
ao Sol, — uma praia furiosa lá ao longe.  
E ficará dentro de mim  
a amargura de não escrever o poema.  
Ele há tantas amarguras!*

*Não escreverei o poema.*

*Direi simplesmente  
que o colosso de certeza na humanidade do Universo  
é inapagável  
como o brilho das estrelas  
com o amor dos teus olhos  
como a força da harmonia dos braços  
como a esperança nos corações dos homens.  
Inapagável  
como a sensual beleza  
da agilidade das feras sobre o campo  
e o terror transmitido dos abismos.*

*Direi simplesmente  
Sim!  
Sempre sim  
à honestidade dos homens  
ao viço juvenil da sinfonia das árvores  
ao odor inesquecível da natureza  
que apaga os possíveis cheiros amargos.*

*Sim!  
à interrogação mágica de Talamugongo  
do Cunene ao Maiombe;  
ao sonoro cântico do ritmo subterrâneo  
e dos chamamentos telúricos;  
dos tambores  
apelando para o fio da ancestralidade  
esbatido além;  
ao ponto interrogativo de Madagascar.*

*Sim!  
às solicitações místicas à musculatura dos membros*

co quente das fogueiras endeusadas  
na lenha das sanzalas;  
às expansões magníficas das faces  
esculpidas no alegre sofrimento das quitadeiras  
e no ritmo febril das sensações tropicais;  
à identidade  
com a filosofia do imbondeiro  
ou com a condição dos homens,  
ali onde o capim os afoga em confusão.  
Sim!  
à África terra, à África-humana.

Direi sim  
em qualquer poema.

E esperemos que a chuva pare  
e deixe de molhar os chilreantes passarinhos  
sobre as três árvores da minha única paisagem  
e o desejo de escrever um poema.

Isso passa.

## O CAMINHO DAS ESTRELAS

*Seguindo*

*o caminho das estrelas  
pela curva ágil do pescoço da gazela  
sobre a onda sobre a névem  
com as asas primaveris da amizade*

*Simples nota musical*

*indispensável átomo da harmonia  
partícula  
germe  
cor  
na combinação múltipla do humano*

*Preciso e inevitável*

*como o inevitável passado escravo  
através das consciências  
como o presente*

*Não abstrácto*

*incolor  
entre ideias sem cor  
sem ritmo  
entre as arritmias do irreal  
inodoro  
entre as selvas desaromatizadas  
de troncos sem raiz*

*Só*

*Mas concreto*

*vestido do verde  
do cheiro novo das florestas depois da chuva  
da seiva do raio do trovão  
as mãos amparando a germinação do riso  
sobre os campos de esperança*

A liberdade nos olhos  
o som nos ouvidos

das mãos ávidas sobre a pele do tambor  
num acelerado e claro ritmo  
de Zaires Calaáris montanhas luz  
vermelhas de fogueiras infinitas nos capinzais violentados  
harmonia espiritual de vozes tam-tam  
num ritmo claro de África

Assim

o caminho das estrelas  
pela curva ágil do pescoço da gazela  
para a harmonia do mundo.

## QUITANDEIRA

A quitanda

Muito sol  
a quitandeira à sombra  
da mulemba.

— Laranja, minha senhora  
laranja boa!

A luz brinca na cidade  
de claros e escuros  
o seu quente jogo  
e a vida brinca  
em corações aflitos  
o jogo da cabra-cega.

A quitandeira  
que vende fruta:  
vende-se:

— Minha senhora  
Laranja, laranjinha boa!

Compra laranjas doces  
Compra-me também o amargo  
desta tortura:  
a vida a rastejar.

Compra-me a infância de espírito  
este botão de rosa  
que não abriu;  
princípio impelido ainda para um início.



Ah!  
Laranja, minha senhora!  
Esqueceram-se os sorrisos  
Com que chorava  
Eu já não choro.

E aí vão as minhas esperanças  
como foi o sangue dos meus filhos  
amassado no pó das estradas,  
enterrado nas roças  
e o meu suor  
embebido nos fios de algodão  
que me cobrem;  
como o esforço foi oferecido  
à segurança das máquinas,  
à beleza das ruas asfaltadas,  
de prédios de vários andares  
e à comodidade de senhores ricos.

A alegria dispersa por cidades

e eu  
me fui confundindo  
com os próprios problemas da existência.

Aí vão as laranjas  
como eu me ofereci ao álcool  
para me anestesiqr  
e me entreguei às religiões  
para me insensibilizar  
e me atordeei para viver.

Tudo tenho dado  
até mesmo a minha dor

*e a poesia dos meus seios nus  
entreguei-a aos poetas.*

*Agora,  
vendo-me eu própria.  
— Compra laranjas,  
minha senhora!*

*Leva-me para as quitandas da Vida.  
O meu preço é único:  
— sangue.*

*— Laranja, minha senhora  
laranja boa!*

*Talvez vendendo-me  
eu me possua.*

*— Compra laranjas!*

## HAVEMOS DE VOLTAR

*Às casas, às nossas lavras  
às praias, aos nossos campos  
havemos de voltar*

*Às nossas terras  
vermelhas do café  
brancas do algodão  
verdes dos milheirais*

*havemos de voltar*

*Às nossas minas de diamantes  
ouro, cobre, de petróleo  
havemos de voltar*

*Aos nossos rios, nossos lagos  
às montanhas, às florestas  
havemos de voltar*

*À frescura da mulemba  
às nossas tradições  
aos ritmos e às fogueiras  
havemos de voltar*

*A marimba e ao quissange  
ao nosso carnaval  
havemos de voltar*

*Havemos de voltar  
à Angola libertada  
Angola independente.*

## PARA TI TAMBEM

*Para ti também  
mamã  
há uma só palavra  
nesta nova partida para o desterro:  
— Coragem, voltaremos a encontrar-nos.*

*Irene, Elisa, Dady,  
nomes de uma ternura de sangue:  
— Coragem, voltaremos a encontrar-nos.*

*O que no meu coração existe por todos vós,  
irmãos do meu sangue, da minha raça, do meu povo.  
Para ti «Ti Duiá», rei no Cemitério Novo  
é esta palavra de luta e de fogo:  
— Coragem até ao regresso.*

*Meu pobre Kajokolo,  
poeta frustrado duma existência de evasões,  
não será sobre a sepultura,  
que as nossas lágrimas derramadas cairão,  
será na alegria do grande abraço,  
ao festejarmos o ressurgimento.*

*No meu coração de exilado  
todos vós com o vigor do nosso povo  
estais ligados às manhãs dolorosas de despedida  
pelo povo  
pela humanidade  
pela paz.*

## DO POVO BUSCAMOS A FORÇA

*Não basta que seja pura e justa  
a nossa causa.  
É necessário que a pureza e a justiça  
existam dentro de nós.*

*Dos que vieram  
e conosco se alicaram  
muitos traziam sombras no olhar  
intenções estranhas.*

*Para alguns deles a razão da luta  
era só ódio: um ódio antigo  
centrado e surdo  
como uma lança.*

*Para alguns outros era uma bolsa  
bolsa vazia (queriam enchê-la)  
queriam enchê-la com coisas sujas  
inconfessáveis.*

*Outros viemos.  
Lutar para nós é ver aquilo  
que o Povo quer  
realizado.  
É ter a terra onde nascemos.  
É sermos livres pra trabalhar.  
É ter pra nós o que criamos  
Lutar pra nós é um destino —  
é uma ponte entre a descrença  
e a certeza do mundo novo.*

*Na mesma barca nos encontramos.  
Todos concordam — vamos lutar.*

*Lutar pra quê?  
Pra dar vazão ao ódio antigo?  
ou pra ganharmos a liberdade  
e ter pra nós o que criamos?*

*Na mesma barca nos encontramos.  
Quem há de ser o timoneiro?  
Ah as tramas que eles teceram!  
Ah as lutas que aí travamos!*

*Mantivemo-nos firmes: no povo  
buscáramos a força  
e a razão.*

*Inexoravelmente  
como uma onda que ninguém trava  
vencemos.  
O Povo tomou a direcção da barca.*

*Mas a lição lá está, foi aprendida:  
Não basta que seja pura e justa  
a nossa causa.  
É necessário que a pureza e a justiça  
existam dentro de nós.*

